

Brasil renegocia em maio

São Paulo — Um ano ainda muito difícil e diferente de 1983 apenas no comportamento da inflação, que será menor, é a previsão para 1984 feita ontem pelo presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore. Quanto à área externa, afirmou que o País entrará em 1984 sem atrasos nos pagamentos da dívida e que só entre maio e junho próximos as autoridades voltarão a negociar com os bancos estrangeiros o esquema de refinanciamento da dívida para 1985. Garantiu que não haverá renegociação complementar para 1984.

Pastore foi homenageado ontem por dirigentes de bancos e demais instituições financeiras em almoço realizado no Maksoud Plaza Hotel. Em entrevista, manifestou tranquilidade quanto ao sucesso das negociações com a comunidade financeira internacional, reiterando que o contrato com os bancos estrangeiros para liberação dos US\$ 6,5 bilhões ocorrerá entre os dias 27 e 29 de dezembro.

— Com a entrada de recursos líquidos nossos atrasos, será extinta a resolução 851 (centralização do câmbio) e a situação voltará ao normal — disse ele.

Acrescentou ainda que os contatos que tem mantido com dirigentes de bancos estrangeiros fazem crer que existe um sentimento generalizado "de melhorar as condições para a renegociação da dívida em 1985, no que diz respeito à ampliação de prazos e redução dos juros. Observou que a redução do Flat (comissão) de um para 0,5 por cento, que foi conseguida este ano é indicativo que há disposição para negociar em outras bases, no futuro.

Em relação à credibilidade do

Brasil no exterior, o presidente do Banco Central afirmou que a confiança será retomada à medida que as metas forem sendo cumpridas. Segundo ele, não adianta ficar dialogando horas com os banqueiros, se a eles não for mostrado que as metas são viáveis e que serão atingidas.

— Se eles não se curvarem perante a nossa lógica — observou — têm que se curvar perante nossos fatos.

Com o panorama externo mais ameno, Pastore afirmou que a prioridade do Governo em 1984, é o combate à inflação "extremamente elevada e que faz o País sofrer". Segundo ele, a queda que começa a ser sentida agora — ele prevê oito por cento em dezembro, o que eleva a anual para 210 por cento — deve ser atribuída ao fim das pressões sobre os preços dos produtos agrícolas". Entretanto, observou que as políticas econômicas e fiscal vão trazer "para baixo ..." "Há inflação em 1984.

Ele afirmou que o Governo não vai prometer uma determinada taxa, mas que "através de um caminho árduo", o objetivo de reduzir a inflação será conseguido, o que possibilitará uma retomada ao crescimento econômico em algum ponto, a partir do segundo semestre de 1984.

Aos empresários do setor financeiro, admitiu que é justificado o desânimo que se abateu sobre toda a sociedade, em função das dificuldades e mesmo porque a curto prazo a retomada do crescimento não será possível. Destacou, porém, que é preciso acreditar no País, que tem condições de reencontrar a rota do crescimento e reduzir a inflação gigantesca.